

TRAGÉDIA BURGUESA DE OCTÁVIO DE FARIA – SIGNIFICADO DO ADOLESCENTE

Elisabete Mokrejs

RESUMO: O objetivo do artigo é apontar a evolução do pensamento político e religioso de Octávio de Faria para compreensão da "Tragédia Burguesa". A seguir, analisa o significado dos termos "Burguesia" e "Tragédia" na obra octaviana e explica o significado ontológico do adolescente no romance.

PALAVRAS-CHAVE: Octávio de Faria. Tragédia. Burguesia.

O nexo do romance cíclico (1) de Octávio de Faria, cujo 15º volume – "O Pássaro Oculto" – acaba de despontar, pode ser captado em profundidade, se alinharmos o pensamento do autor, percorrendo, inicialmente, a ordem cronológica das suas publicações.

Em Octávio de Faria, o ensaísta político aparece com exclusividade entre 1.930 e 1.934; nos três anos seguintes, o pensamento octaviano surge, fortemente marcado pelo espírito religioso, cedendo lugar à literatura após 1.937.

O discurso político, embora sensível aos reais problemas brasileiros nunca evidenciou destinação específica. Seu pensamento adquire significado no contexto da "Reação Espiritualista" onde situamos algumas fontes de influência que caracterizaram os ideólogos do Estado autoritário nos anos 20 e 30. Como fascistas, exaltou Mussolini e Hitler ao mesmo tempo em que criticou, severamente, o movimento integralista. Enquanto católico, dialogou com figuras expressivas do

(1) Romances que compõem a "Tragédia Burguesa":

Mundos Mortos – Os caminhos da Vida – O Lodo das Ruas – O Anjo de Pedra
O Destino dos Amaldiçoados – O Grande Assalto do Demônio – Os Renegados
Os Loucos – O Senhor do Mundo – O Retrato da Morte – Ângela ou as Areias
do Mundo – A sombra de Deus – O Cavaleiro da Virgem – O Indigno.

Centro D. Vital, especialmente, sobre a posição da Igreja frente ao integralismo, sem, contudo, aderir ao novo regime ou, mesmo, ao pensamento da igreja tradicional.

Como ensaísta político, marca sua estréia em 1.930 com "Desordem no Mundo Moderno", trabalho apresentado sob a forma de tese e que determinou seu ingresso no Centro de Estudos Jurídicos e Sociais. De forma um pouco desordenada, o autor aí expõe, claramente, sua interpretação dos acontecimentos que sucederam à Revolução Francesa, bem como apresenta, nas entrelinhas, a concepção de homem que figurará nas demais obras que se seguirão, incluindo as de ficção.

Em 1.931, surge para o público "Maquiavel e o Brasil", obra em que figuram, pela primeira vez, as proposições do fascismo octaviano; o pensador florentino representa o cientista político capaz de justificar o Estado Forte e a presença do homem de exceção; este sintetiza, nos diferentes momentos da obra octaviana, o individualismo que ratifica a capacidade de alguns indivíduos para agir em diferentes esferas.

É a consagração do indivíduo que tem valor e especial capacidade para o exercício da liberdade negada para a massa. Na ordem política e social, o equilíbrio se verifica apenas sob a "Unidade de Governo, Unidade de Legislação e respeito e observância a essas leis"; sob esse prisma de análise, cabe ao Estado defender e salvar o homem da malignidade que lhe é peculiar segundo uma concepção apriorística.

A ótica aristocrática de Octávio de Faria ressurgiu em "Destino do Socialismo" (1.933) que o autor define como "um ato de fé anti-socialista". Prossegue, aqui, empenhado em documentar fatos que atestam, a seu ver, a indiscutível desigualdade entre os homens, ponto de partida para a descaracterização das massas e, conseqüentemente, refutação da Democracia e do Socialismo.

Os pressupostos da ordem e da autoridade fundamentam-se simultaneamente em Nietzsche, nas técnicas do tradicionalismo francês (Maurras, De Bonald, Barrès, Vaugois) bem como em textos religiosos onde encontra destaque a Bíblia e, de modo difuso, o pensamento de Santo Agostinho ao caracterizar as relações entre a Igreja e o Estado; esse último tema foi objeto de estudo em "Cristo e Cesar", derradeira obra octaviana de caráter político em 1.937.

Nesse quadro, pode ser apreendida, parcialmente, a atuação política ideológica de Octávio de Faria até 1.934. Oscilando entre as fontes mencionadas, o pensamento tradicionalista-fascista de Octávio de Faria significa uma

postura, antes moral, que política, na qual pretendia reafirmar os princípios da conduta do homem capaz de salvá-lo da desordem que se configurava num mundo de tendências liberais e socialistas.

Na visão de mundo octaviana, a fonte de todos os males do mundo moderno reside no uso irrestrito da liberdade, já que a verdadeira liberdade é apanágio dos que estão investidos de autoridade política e religiosa. Esta certeza evidenciava-se em toda a obra, cuja essência realça as consequências da auto determinação do homem moderno, presente, especialmente, no fenômeno da ascensão das massas.

Essa temática, no entender de Octávio de Faria, remonta ao episódio de Adão e Eva preocupados em se conhecer. No início do cristianismo, a questão é situada na pergunta de Pilatos a Cristo: "o que é a verdade"? Nos tempos modernos, os germes do auto conhecimento foram difundidos por Lutero, Descartes, Rousseau e Kant.

O resultado da disseminação da verdade gerou a mediocridade no mundo moderno. A única alternativa que resta, a seu ver, é distribuir a cada homem a sua "mentira vital" pois "incapaz de guiar por si mesmo terá de escolher quem o dirija". Esta solução permanece centrada nos desígnios divinos, pois "Deus, conhecendo o peso da verdade que podia ser revelada aos homens, escolhia em cada geração um número restrito de privelegiados" (2).

Por sugestão de Tristão de Athayde, Octávio de Faria voltou-se para León Bloy, cujo pensamento aliado às influências de Pascal e Santo Agostinho, contribuíram, decididamente, para a inflexão na sua trajetória intelectual em 1.934.

Absorvendo, agora, outro tipo de individualismo contido em Bloy, Octávio de Faria destaca a revolução do homem interior, cuja moralidade pessoal decidirá sobre seu destino. A nova aura de influência bloisiana está presente em "Fronteiras da Santidade" e "Três Tragédias à Sombra da Cruz", obras de caráter especificamente religioso em que Octávio de Faria antecede e explicita todo o simbolismo contido na "Tragédia Burguesa" após 1.937.

Da mensagem escatológica de León Bloy, Octávio de Faria assimilou a dualidade "Deus Vivo" e "Deus Morto". Para o pensador francês, assumir o "Deus Vivo" implicava para o cristão, viver a autenticidade dos Evangelhos em

(2) Faria, Octávio de - "Desordem no Mundo Moderno", Revista de Estudos Jurídicos. Ano I, agosto de 1.930 p. 134.

oposição à observância de formalidades, por vezes, inspiradas em autoridades eclesiásticas ou filósofos da igreja, os quais caracterizava como cultuadores do "Deus Morto". Isso implica numa mudança de postura que transferiu o sentido da vida do cristão, de um polo social representado pela igreja e por tudo o que nela está investido como autoridade, para a responsabilidade individual de uma vivência onde a santidade constitui o único dever.

Descaracterizando a autoridade da igreja enquanto instituição oficial, Octávio de Faria, inspirado em Bloy, não chega a ponto de delegar ao cristão a "Santidade como ideal e dever de cada cristão" e sublinha a "responsabilidade pessoal que reside na tomada de consciência plena do mistério da Cruz, o que garante a singularidade do cristão . . .".

Octávio de Faria circunscreve, portanto, a individualidade do cristão apenas no âmbito da tomada de decisão com vistas à conversão, já que, inspirado em Bloy, ratifica a prática religiosa fundamentada no sentido da "totalidade" que se atualiza no sentimento de amor ao próximo. É uma concepção de solidariedade cristã no pecado e na culpa, presente no mistério da Redenção e remanescente do episódio da Queda, conforme atestam as palavras do autor: "A Queda não é um fato acontecido outrora e do qual soframos as consequências. Continuamos a cair sempre e eis porque Eva chora" (3).

Em outra passagem, no romance, encontramos idêntica alusão à responsabilidade do cristão para a comunhão universal da salvação: "Se se chamava a Queda de feliz culpa porque permitira a Redenção, e um Redentor tal como Jesus, não se devia esquecer que continuava sendo uma culpa, portanto alguma coisa que devia ser vencida. A Redenção tornava possível a vitória; a Alegria que o cristianismo devia ser — mas era em cada um que essa vitória devia ser conseguida para que a Salvação Global fosse possível, para que a Alegria não se tornasse um pecado contra a Solidariedade Universal" (4).

O simbolismo contido no "pecado original" constitui a chave principal para o entendimento da "Tragédia Burguesa".

Octávio de Faria, enquanto apela para o pensamento bloisiano, vê o prolongamento do episódio da "Queda" presente no indivíduo, a cada momento

(3) *Idem*, *Fronteiras da Santidade*, 1a. Ed. Cadernos da Hora Presente, Ano I, São Paulo, junho, 1.939 p. 104.

(4) *Idem* — *Os Renegados*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed., 1.947, p. 580.

em que este dá vazão à sexualidade; o prazer que a acompanha não é lícito ao cristão, pois representa, ao mesmo tempo, um ato de omissão e revolta no que se refere ao sofrimento da humanidade, contrariando, portanto, a lei da "Solidariedade"; o significado desta fuga à responsabilidade de todos por todos é manifestado por Octávio de Faria com a indignação: "Fugir a isso? Fugir para a loucura das poses furiosas? Fugir para a felicidade dos momentos em que se esquece tudo? Fugir para a alegria que renega o sofrimento dos homens? . . . — Sabes do que é feito o recolhimento do teu quarto nupcial? — indaga Marchenoir (isto é o próprio Leon Bloy) — vou dizê-lo. É feito de milhares de gritos lamentáveis tão prodigiosamente simultâneos e em uníssono, a cada segundo, que se neutralizam de um modo absoluto e isso equivale a um inescrutável silêncio (5).

Enquanto ser, pretensamente livre, a única condição de luta de que dispõe é a procura do prazer, por meio do qual testa suas possibilidades. Porém, essa trilha que o faz parecer, por um instante apenas o autor da sua própria deificação, não o auxilia no processo de superação da sua angústia. É uma lei inevitável expressa de forma contundente em "Fronteiras da Santidade": "Como fugir às responsabilidades com que se nasce — pois como sabemos, cada homem é, por natureza, trágico, isto é, participante de uma tragédia que vem muito antes dele, se há sempre alguém que paga, nós ou os outros que não nós (6).

O estigma dessa tragédia se faz presente em diversos episódios na literatura, especialmente, em "O Retrato da Morte" (Vol. VIII) onde, o protagonista Branco, toma consciência da relação entre o amor e a morte, cuja versão o autor também hauriu em Bloy. Nesse sentido, convém mencionar o raciocínio de Branco, certa noite após o relacionamento com sua companheira, quando teve nitidamente, "consciência do fluir inexorável do tempo em pleno orgasmo, quando de comum, nesses momentos de esplendor físico, jamais teve noção de sensação alguma, a não ser que estava sentindo prazer. Em poucas palavras: em pleno esplendor do gozo, parou o tempo, fixou o instante que passa e que não pode demorar; contemplou o que não deve ser fixado, o proibido — retratou a própria morte" (7).

Nos personagens adolescentes, (até o vol. V) a problemática da "Queda" é apresentada especialmente na transição da infância para a adolescência, momen-

(5) Idem, *ibidem*, p. 118.

(6) Idem — *Fronteiras da Santidade* — ob. cit. p. 119.

(7) Idem — *O Retrato da Morte*, 1a. ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1.948, p. 128.

to em que, ao lado das transformações físicas, surgem as inquições pessoais, principalmente quando ocorre o questionamento sobre as verdades cristãs.

Nas fontes bloisianas, o autor da "Tragédia Burguesa" consolidou o novo conceito de burguesia que passou a figurar no romance, em oposição à terminologia de caráter social que predominava na ordem política. O autor de "O Anjo de Pedra" (VOL. IV) referindo-se ao suicídio de Armando, culpa, enfaticamente, o ambiente, explicando que "tratava-se do mundo burguês - isto é, segundo a palavra de um grande mestre do pensamento católico, de um mundo de filhos do demônio - falso, hipócrita, contaminado até a alma e, sobretudo, egoísta, cruel, inumano, insensível até o sacrifício impiedoso das suas melhores criaturas" (8).

"Três Tragédias à Sombra da Cruz", embora apresentada ao público antes da sistematização do pensamento de Bloy em "Fronteiras da Santidade", é uma obra de caráter essencialmente religioso. Seu conteúdo, apresentado sob a forma de dramatização, fundamenta-se nos episódios bíblicos que envolveram São João Batista, Judas e Pôncio Pilatos. O simbolismo contido nas atitudes de Judas e Pôncio Pilatos traduzem o mundo burguês, cuja incapacidade de uma definição pessoal, que envolva o ser em profundidade, determina que opte pela vida fácil ou pelo ópio celetério do dinheiro e do sexo, numa contínua pretensão de fazer coexistir princípios religiosos e conveniências sociais e pessoais. São João Batista representa a grandeza pessoal do mundo antigo, que não cede à persuasão de obstinadas vontades alheias e daí a sua grandiosidade; diante da impotência para opor-lhes ação total, decorre a impossibilidade de continuar vivendo.

A exposição das três tragédias prefigura, no romance, o perfil de alguns personagens que ilustram diferentes circunstâncias da condição humana estudada por Octávio de Faria.

Na introdução, Octávio de Faria afirma, que "a secreta razão de ser duas tragédias é que elas se situam num momento de transição em que um mundo sai de outro, rasgando-o de alto a baixo, condenando-o a um irremediável aniquilamento . . . A passagem de Cristo pela Judéia, sua paixão, sua morte, vistos sob esse ângulo, são perfeitamente como o que se dá em nós quando os primeiros anos de existência vão ficando para trás com as primeiras dúvidas e as primeiras negações: um desabamento de mundo velho, uma falência de instituições secula-

(8) Idem - *O Anjo de Pedra* - 2a. ed. Vol. IV tomo I, Rio de Janeiro, Cia. Editora Americana, 1.973.

res, a perda de confiança em mil formas que antes eram consideradas todo poderosas e sobre que uma simples dúvida parecia um sinal inequívoco de fraqueza e de doença" (9).

Essa referência reflete o núcleo da temática octaviana apresentada, historicamente, por meio dos binômios: mundo antigo-cristianismo; aristocracia-democracia; infância e adolescência.

Nas diferentes considerações de Octávio de Faria sobre os personagens bíblicos da obra mencionada, fica explicitado o determinismo que cerca algumas criaturas em circunstâncias especialmente cruciais de definição pessoal. É uma caracterização que alcançou alguns personagens do romance que não conseguem subtrair-se à ação do destino, o que introduz um elemento de interpretação heterodoxa no cristianismo octaviano: a conciliação da Redenção com a ação do Destino.

Esta é, em síntese, a essência do fio condutor da obra octaviana até 1937; a partir daí, todas as influências sofridas pelo autor serão personificadas no romance, onde a tragédia burguesa sintetiza o mistério da condição humana na versão de mundo do autor.

I. "BURGUESIA" E TRAGÉDIA" – SIGNIFICADO E EVOLUÇÃO DOS TERMOS NA OBRA OCTAVIANA

O significado essencial de burguesia, presente em toda a obra octaviana, encontra-se revestido de uma conotação moral que pode ser compreendida a partir de uma postura tradicionalista, impermeável a mudanças, que evoluiu da política para a ficção.

No discurso ideológico da facção direitista dos anos 30, notadamente anti-liberal e anti-socialista, os conflitos eram polarizados em torno da burguesia, em cuja definição como classe social, nem sempre convergiam critérios unívocos. O que predominava era uma oscilação entre a caracterização social e a espiritualista, recaindo, sobre esta última, a preferência da intelectualidade católica caracterizada como direitista, corrente à qual pertence Octávio de Faria.

(9) Idem – *Três Tragédias à Sombra da Cruz*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1.938.

Por outro lado, o sentido da burguesia pode ser explicado, em parte, pela influência que Octávio de Faria recebeu da classe social a que pertenceu: "uma alta burguesia ainda cheia de princípios e rigores, deveres e noções de dignidade, mas que já trazia em seu arcabouço todos os venenos de uma decomposição que não tardaria a se processar" (10); o autor confessa que, embora a rigidez dos princípios familiares o impedisse de participar diretamente dos problemas, "não foram por isso menos importantes em mim, os ecos desse lento e penoso esfacelamento".

Até 1934, a ênfase sobre a burguesia em Octávio de Faria recai no plano sócio-político. É o que atestam os ensaios: "Desordem no Mundo Moderno", "Maquiavel e o Brasil" e "Destino do Socialismo" nos quais o autor faz convergir para a burguesia todas as suas preocupações enquanto analisa sua posição frente aos acontecimentos da Revolução Francesa e, posteriormente, na Rússia.

A burguesia é apresentada como sucessora dos erros da sociedade aristocrática; situa nesses erros: "o individualismo e a intensificação da economia de produção, erro político da liberdade, erro moral do desregramento, erro religioso da separação e do esquecimento"; e, como consequência de tantos erros prossegue afirmando: . . . "era a própria civilização que parecia atingida de morte" (11).

Observa-se em "Maquiavel e o Brasil" e "Destino do Socialismo" que, ao mesmo tempo em que Octávio de Faria identifica os aspectos que caracterizam a classe burguesa, recusa-se a aceitar suas idéias. Assume porém a defesa dessa classe, na medida que a considera injustiçada pelos ideais socialistas mas convida a burguesia a atentar para o fato de que sua posição na Rússia é consequência do mesmo tipo de atuação que desempenhou no passado, ao reivindicar seus direitos.

Censura-a por ter solapado o edifício aristocrático e aponta-lhe, a todo o momento, sua participação na desordem que se processou a partir da Revolução Francesa: "o interessante, é que a burguesia põe-se a reclamar e a gritar danadamente, que é um crime de lesa-majestade (o que ocorre na Rússia) esquecida de que fez o mesmo e de que o novo ladrão a rouba em nome dos mesmos princípios: o direito à vida, ao sol, aos manjares mais finos e que justifica no argumento de sempre: nós somos agora os mais fortes, é só nos unir-mos" (12).

(10) Faria, Octávio de - "Auto-crítica de Octávio de Faria", in Revista Manchete, Rio de Janeiro, 28/1/67, pg. 29.

(11) Faria, Octávio de - "Desordem no Mundo Moderno" - obra citada, pg. 133.

(12) Faria, Octávio de - "Desordem no Mundo Moderno" - obra citada, pg. 131.

Enquanto Octávio de Faria tece as habituais críticas ao estado liberal afirma: "no Brasil, a vitória comunista teria pelo menos o aspecto de castigo da justiça divina. Essa sociedade burguesa que não sabe e não ousa se defender não merece outro fim" (13).

Em "Destino do Socialismo", observa-se, ainda na ordem política, uma preocupação em "salvar" essa classe da ação destruidora do proletariado, o que teria lugar sob o signo do fascismo e da igreja católica. A conjunção do poder temporal e religioso imprimiria uma ação decisiva contra qualquer desigualdade de classes, propondo-se a realizar uma verdadeira "justiça social", um equilíbrio entre as classes, que será o primeiro passo para a melhoria da humanidade (14).

Conjetura, ainda, sobre a necessidade do despertar a burguesia para uma reação fazendo-a olhar para o seu interior e reorientar sua ação de forma mais eficiente; para isso, sugere que essa classe social deve ser instigada a revoltar-se contra si própria como condição para arrancar-lhe uma reação.

Assim, até 1934, as preocupações do autor da "Tragédia Burguesa" não ultrapassam, politicamente, certas apreensões em relação à ameaça da sobrevivência dessa classe e cingem-se, sobremaneira, à "morte do pensamento aristocrático" ou "morte da moral aristocrática" — o que acentua com o paralelismo: "morte do pensamento burguês", "morte da moral burguesa".

Octávio de Faria não se detém na análise objetiva dos fatos, bem como na percepção mais acurada das ocorrências do sec. XVIII. Sua inquietação prende-se, basicamente, à "destruição da ordem estabelecida", cuja ação deletéria coube sempre à Revolução Francesa. Do mesmo modo que os privilégios aristocráticos cedem lugar à emergência de outras classes, os princípios morais, segundo o autor, esvaziam-se dos valores absolutos para atender conveniências materiais e sociais.

As referências sobre decadência de costumes e o desprezo pela autoridade constituída, são aspectos que, se tiveram origem na burguesia, logo transcendiram os limites dessa classe social para caracterizar o homem de modo geral. Essa é uma visão de mundo que, em Octávio de Faria, se define especificamente a partir de Bloy, que lhe informou o caráter espiritual: "O erro é geral, não desse ou daquele. É de toda uma sociedade, de todo um mundo apodre-

(13) Idem, *Maquiavel e o Brasil* — obra citada, pg. 188.

(14) Idem, *"Destino do Socialismo"* — obra citada, pg. 8.

cido. Não é a classe social em si, a burguesia como classe. É o espírito do burguês — a sua invencível filiação demoníaca. É o desrespeito pelo sagrado, a eterna inconsciência, a vida sem religiosidade, a negação quotidiana da existência de Deus, o inconsciente e diário escarro na face ultrajada do Cristo (15).

Dessa forma, são improcedentes as críticas que pretendem questionar a legitimidade do título do romance, apontando a omissão de particularidade sócio-políticas. Toma-se importante considerar também, que uma análise social da “Tragédia Burguesa” não está nas cogitações de Octávio de Faria, segundo o que se pode depreender das suas próprias palavras: . . . “meus romances mostram criaturas de um determinado meio, numa determinada época, atravessando uma crise. Não pretendem ser um painel da nossa sociedade ou do mundo moderno — apenas a história de um grupo de criaturas bastante particularizadas” (16).

Observa-se no Octávio de Faria da “Tragédia Burguesa” uma atitude que poderia caracterizar-se, por um lado, como passiva e quase conformista em face das situações embaraçosas em que, frequentemente, se veem envolvidos seus personagens como se tudo ocorresse como um fato consumado e inevitável na sorte da classe burguesa. E uma atitude não condenatória que traz subjacente uma visão determinista da conduta humana remanescente do problema da Queda.

Considerando-se que a burguesia, no autor da “Tragédia Burguesa”, representa toda a condição humana após a Queda, encontra-se na salvação da burguesia a solução para o problema da tragédia. É uma redenção que, se anteriormente à volta do autor para o catolicismo, esteve vinculada ao Estado Forte, atualmente só tem sentido mediante a entrega pessoal à excelência da Graça.

A auto-determinação, no contexto sócio-político, gerou a desordem social que caracteriza o mundo moderno, o aparecimento da democracia sob a égide da liberdade e a configuração ameaçadora do mundo socialista.

No plano pessoal, a mesma auto-determinação ocasiona desespero, suicídio e perda do contacto com a realidade, aspectos claramente evidenciados nos romances da “Tragédia Burguesa”.

(15) Faria, Octávio de — “*O Retrato da Morte*” — Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1961, pg. 7.

(16) Rocha, Antonio. *Diário Carioca*, 24/01/54, Rio de Janeiro.

No indivíduo, o processo da tragédia é explicado inicialmente em consequência da sua sensibilidade em relação aos processos revolucionários; quando surgem as inquietações, o indivíduo é levado a dar uma resposta e as verdades pessoais, que julga encontrar, ocultam, inconscientemente, a autêntica verdade cristã cuja fonte já lhe foi revelada por homens iluminados.

A importante transição, no plano pessoal, é a da infância para a adolescência; a grande revolução, que se opera, é o despertar da subjetividade, em cujas circunstâncias deverá definir-se a moralidade do ser; o grau de sensibilidade de certos indivíduos, nessa fase de transição, (seres marcados pelos destinos) — leva-os a uma percepção crítica da situação, pois, junto à emergência das suas possibilidades, surge, também, a tomada de consciência do seu próprio corpo.

A sequência das obras de Octávio de Faria nos leva a perceber o mistério representado pelo domínio das forças do mal que, no autor, são personificadas pela razão. É uma postura metafísica que adquire diferentes configurações nas várias dimensões em que articula o seu pensamento.

No princípio, o apanágio da verdade era Deus; o primeiro homem, na ânsia de descobrir-se, quebrou o mistério e houve a Queda; foi-lhe concedida uma nova oportunidade por meio da "Revelação", cuja aceitação incondicional representa a única via para a conquista da verdadeira "libertação". No entender do autor, essa última alternativa, se rejeitada pelo homem, envilecerá sua condição, na medida em que não terá condições para enfrentar as forças do mal, o que é agravado pelo fato de que sua sensibilidade percebeu e acusa onde está contida a essência da verdade.

Em síntese, esse constitui o núcleo do determinismo atribuído ao destino dos personagens da "Tragédia Burguesa" em Octávio de Faria, o que, em última análise, esclarece o destino trágico da humanidade nas palavras do autor, agora confirmada mais uma vez no romance: "Somos marcados pela Queda. E a esse sinal apostado em nós, só escaparemos pela morte — pela morte em vida — que é a parte da maioria — ou pela morte que põe fim à vida — a parte dos predestinados, dos eleitos, dos que sofrem . . ." (17).

(17) Faria Octavio de — *Os Caminhos da Vida*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Ed. Americanas 1971, p. 339.

A questão da ausência de autonomia moral, presente como uma constante nos personagens octavianos, fica confinada à visão de mundo do autor, assentada nos princípios da legalidade e da tradição religiosa, já que, como postulado básico, a liberdade irrestrita, como decisão de caráter pessoal, está intimamente associada à auto-destruição; isso equivale a afirmar a impossibilidade do homem quando tenta conduzir seu próprio destino; liberdade-impossibilidade, binômio que significa liberdade-tragédia; tragédia consumada pela posse de indivíduo por forças diabólicas (no romance, impulsivas); estas encontram terreno para livre atuação numa moral burguesa que, se não rejeita a religião, nela permanece formalmente, conciliando os princípios religiosos com sua expansão vital.

Se a submissão incondicional ao sobrenatural é o pressuposto básico da legítima sobrevivência do homem, qualquer desvio nesse sentido o fará defrontar-se com as forças de sua própria natureza, o que será agravado pela impossibilidade de dominá-las; assim, a exclusividade da persistência da motivação sexual que, no romance, dificulta a elucidação da conduta moral do adolescente, também contém o simbolismo da fraqueza humana sugerida no pecado original; este se atualiza sempre que os personagens desafiam racionalmente os preceitos contidos na Graça redentora; é uma motivação sexual contumaz, sem atenuantes, pois visa explicar, no contexto da tragédia octaviana, a inutilidade de qualquer subterfúgio, ainda que educativo, para anular aquilo que fica circunscrito à ação do destino.

II. SIGNIFICADO DO ADOLESCENTE

O estudo da conduta moral do adolescente pressupõe, em psicologia, uma análise dos fatores que contribuem para elevá-lo à categoria de ser autônomo, o que implica em deixar para trás o espírito de conformidade à autoridade representada pelas leis do mundo adulto.

Esta é uma posição que, apesar das múltiplas alternativas para o estudo do problema, pode ser sintetizada em William Stern: "A adolescência é o momento da descoberta dos valores do eu e do mundo" (18). Isto equivale a afirmar que o adolescente passa a constituir um ser moral ao mesmo tempo que define sua identidade.

(18) Stern, William e Outros - *Psicologia y Pedagogia de la Adolescencia*, Buenos Aires, Editorial Losada, 1948 - p. 10.

No contexto da "Tragédia Burguesa", essa posição demanda considerações especiais, se levarmos em conta que não é permitido ao adolescente apreciar os valores do mundo, pois a única ordem que se concebe é a espiritual e, nesta, os parâmetros da conduta humana se encontram previamente definidos. Não é, portanto, uma formação moral que se propõe, pois a expectativa repousa na submissão a uma moralidade religiosa voltada apenas para o sobrenatural. A questão aí, se coloca não como descoberta de valores, já que esta envolve discernimento, mas como anuência pela fé a um dado captado por meio da sensibilidade.

Por outro lado, conforme já vimos, para Octávio de Faria, a individualidade fica previamente anulada, pois qualquer afirmação pessoal no plano racional implica numa forma de deificação; essa alternativa não tem lugar na "Tragédia Burguesa", já que pretende legitimar os desígnios divinos contidos numa ordem sobrenatural que, para o homem, abarca, ao mesmo tempo, a hierarquia e a autoridade.

Assim, a proposta octaviana para a formação do adolescente reside num ideal de santidade que só logrará atualização na obediência ao Evangelho. É uma concepção de formação moral que exclui a análise de qualquer outra posição teórica que não a cosmovisão do próprio autor, já que esta apresenta uma coerência interna fundada, totalmente, numa concepção doutrinária, em parte católica, em parte pessoal. No que diz respeito à singularidade do autor, ficam evidentes os contornos da interpretação bloisiana, bem como as alternativas decorrentes da evolução do seu pensamento após sua volta ao catolicismo.

Os sete volumes iniciais da "Tragédia Burguesa" caracterizam, de forma contundente, as alternativas do processo de formação moral do adolescente sob ponto de vista religioso.

Se o núcleo do pensamento de Octávio de Faria é explicado pelo mistério da Queda, o adolescente, na "Tragédia Burguesa" tem condições de explicitar o momento em que o fenômeno da perda da inocência tem início no homem, bem como decorre sua vida após ter experimentado o fruto da árvore do conhecimento.

As emoções decorrentes da descoberta do próprio corpo na adolescência representam, na concepção de Octávio de Faria, um marco divisório na passagem da infância, período indefinido de absoluta inocência para o momento em que a criatura humana é solicitada a assumir sua verdadeira condição; é uma condição trágica que diz respeito quase que à totalidade dos homens enquanto

não tem forças para renegar na natureza, o que leva Octávio de Faria a afirmar: "O que nos mata é o lado das ruas, e o coração contaminado. Por isso, bem cedo morremos, quase todos. Logo aos primeiros gestos mais presentes da adolescência, logo aos brados iniciais da liberdade de ser homem, morremos. Morremos quase todos, então, no mais profundo de nós mesmos — enquanto um corpo, covardemente conformado, vai passear por alguns anos ainda seus pobres movimentos aprendidos, os miseráveis sinais de autômatos do sexo em que se transformou . . ." (19).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a presença do adolescente na "Tragédia Burguesa" tem um significado ontológico que transcende contingências sociais e pessoais para sintetizar o momento da formação da consciência, bem como as trágicas implicações desse processo.

A trama do romance é iniciada por uma geração cuja ação transcorre, predominantemente, no interior do colégio São Luís de Gonzaga sob a influência de Pe. Luís; é uma ação conflituosa, eivada de culpa após a consciência das primeiras manifestações sexuais. Parte da ação verifica-se no Liceu Paulista, marcado pela orientação do Prof. Veloso que na "Tragédia Burguesa" representa a influência do pensamento liberal na formação dos adolescentes.

A conduta dos personagens limita-se às atividades imprescindíveis para garantir experiências resultantes do contato com o outro; a ação que daí decorre é introspectiva e se traduz, em cada indivíduo, por embates de consciência determinados pelas incursões no caminho do sexo. Quer a participação tenha sido constatada ao nível das experiências físicas ou no plano das imagens, a culpa sempre se configura.

As balizas convencionadas para a avaliação da primeira experiência sexual do adolescente não admitem conciliações: residem no pecado; este assume a forma de transgressão de uma lei imanente na história da criatura humana e, como tal, encerra um determinismo insofismável que marca o início da tragédia. A ordem é clara: as leis do espírito não coexistem com os apelos materiais do homem.

Assim, o início da adolescência fica condicionado à crise religiosa que, forçosamente, tem lugar nesse período; os penitentes distanciam-se das confissões e questionam a legitimidade da mesma, temerosos do "hipnotismo dos

(19) Faria, Octávio de — *O Lodo das Ruas*, 2a. ed. Rio de Janeiro, Cia. Editora Americana, julho de 1971 p. 541.

confessores". Essa constatação afligia especialmente Pe. Luís que frequentemente passava a questionar a eficiência da sua ação de mestre espiritual, missão para a qual arduamente se investira. Contando com menos de 30 anos, identificava-se de modo especial, com os adolescentes; esperava, mediante o relato da sua própria experiência, modificar a atitude dos alunos frente ao sexo. Como fracassava continuamente, passou a alcunhá-los de "Anjos de Pedra".

Sob essa orientação obsessiva e tendenciosa os adolescentes do Colégio São Luís de Gonzaga adentravam sua formação moral; alguns, com maior determinação, questionavam os preceitos moralistas; outros, mais sensíveis à autoridade sacerdotal, embora sob o peso da culpa, prosseguiam na busca de aventuras. O que os caracterizava de modo geral era um auto-conceito desvalorizado, o que, nas palavras de Ivo, significava "certa repugnância por si próprio que lhe vinha sempre que entrava numa igreja ou que seus olhos descuidados caíam sobre o pequeno crucifixo da cama" (20).

Em "O Destino dos Amaldiçoados" encontramos por algum tempo Pe. Luís questionando sua ação interventora junto a uma turma de alunos do 5º ano. Eram 14 alunos que possuíam traços de personalidade e caráter que lhes conferiam uma autonomia ausente nas demais turmas que, aparentemente, mantinham aceso o espírito religioso. Ao caráter excepcional desse grupo, Pe. Luís denominou simbolicamente, "o espírito da Terra", (21) ao qual opunha "o espírito de Deus". No seu entender, após a perplexidade inicial, o grau de consciência diferenciado desses alunos nada mais significava que o "terreno ideal para o desenvolvimento do "espírito de Deus".

(20) Faria, Octávio de - *Mundos Mortos* - 4a. ed. Vol. I Rio de Janeiro, Gráfica Record Edit., 1.962.

(21) A expressão "*Espírito da Terra*" em Octávio de Faria encontrou inspiração na obra de "*La Colline Inspirée*" de Maurice Barrés, em que se verifica o diálogo entre a planície e a colina: "*Eu sou, diz a planície, o espírito da terra e dos mais longínquos ancestrais, a liberdade, a inspiração*". E a capela responde: "*Eu sou a regra, a autoridade, o elo de ligação. Sou um corpo de pensamentos frios e ordenada cidade das almas*" - *Eu agitarei tua alma, prossegue a campina. Aqueles que vêm respirar o meu ar põem-se a formular perguntas . . . Mas a capela objeta - Visitante da planície, traze-me teus sonhos para que eu os purifique, teus impulsos para que eu os oriente. E a mim que procuras, que desejas ainda que sem o saber . . . Quem quer que sejas, nada do que há em ti de melhor te impede a aceitação do meu socorro . . . Fomos preparados eu e tu por nossos pais. Encarnamo-nos como tu mesmo os encarnas. Sou a pedra que dura a experiência dos séculos o depósito do tesouro da raça. Casa de tua infância e de teus pais, assemelho-me às suas tendências profundas, aquelas mesmo que ignoras, e é aqui que encontrarás, preparado para cada uma das circunstâncias de tua vida, o verso misterioso, elaborado para teu uso quando não existias*".

O "espírito da terra" constitui na saga da "Tragédia Burguesa" uma das oportunidades em que o autor reafirma sua verdade frente à fragilidade dos valores que não se assentam na religião. É uma antinomia afirmada, na fase que precede à ficção, sob a forma da razão sobrepujante à fé; politicamente, a democracia triunfa sobre os ideais monarquistas, exaltando a autodeterminação em lugar da submissão à autoridade. No romance, a oposição se faz sentir na figura do adolescente descortinando o mundo do pecado ignorado na pureza da infância.

Porém, a derradeira ilustração octaviana sobre inépcia dos valores fundamentados na razão é apresentada junto aos episódios que ocorrem no Liceu Paulista; na administração do Prof. Veloso, reconhece a inteligência e a moderação, sem contudo omitir o perigo da sua formação, que deixava entrever ideais positivistas, concepções democráticas, idéias liberais e, conseqüentemente preconceitos religiosos.

Nesse último cenário, se inicia a tragédia de Branco, protagonista do romance. Após curta permanência no Liceu Paulista, Branco prossegue os estudos no Colégio de Gonzaga, onde a influência de Pe. Luís aliada às disposições pessoais do adolescente, marcam o início da tragédia que o levaria ao crime.

Crime, loucura e automutilação são as alternativas da tragédia presentes nos personagens do romance que procuram subterfúgios para escapar à lição dos Evangelhos. É o que nos ilustram especialmente os episódios que envolvem Branco, Paulo e Armando impelidos pela angústia e desespero mediante a impossibilidade de conciliar conveniências pessoais e sociais com valores apontados pela religião.

É uma concepção realista e pessoal em que, Octávio de Faria desafia os preceitos tranquilos do Sermão da Montanha parecendo sugerir que, subjacentes ao mistério do calvário, vários caminhos são permitidos ao cristão para atingir a meta redentora.

Para o "amor" a "Tragédia Burguesa" reserva duas interpretações: Como o relacionamento com o sexo oposto é geralmente caracterizado pelos assédios masculinos voltados para a posse sexual, a fragilidade dos adolescentes é exaltada por Octávio de Faria porque vem sempre acompanhada de autenticidade num clima de muita dedicação. Nesses casos, a conduta feminina é observada como fronteira entre a "santidade e a condição humana".

Por outro lado, se os efeitos da tragédia podem ser atenuados pelo senti-

mento do amor enquanto despreendimento e compreensão, a felicidade, na dimensão humana, só ocorrerá no binômio amor – homossexualismo. É a circunstância que, se marcada pela reciprocidade dos parceiros constitui a marca de um destino, no entender octaviano, “só ele autêntico só ele verdadeiro” (22).

Em que pese o acento sexual presente nessa forma de relacionamento, parece-nos ser a única que se justifica na visão de mundo do autor, já que exclui peculiaridade heterossexuais, simbolicamente entendidos, no romance, como propulsores da tragédia.

Assim, nos descaminhos da adolescência da “Tragédia Burguesa”, encontra-se a derradeira lição octaviana sobre as consequências da Queda. É na concepção determinista que reside toda a tragédia humana cuja única atenuante é a Redenção. Porém, a nova ordem pontificada exclui no homem a temporalidade e anula a capacidade racional, ao mesmo tempo em que omite manifestação da sua natureza típica.

Trata-se portanto da pedagogia absoluta e moralista regida pelo signo de uma lei exterior ao homem, que, na interpretação heterodoxa do catolicismo octaviano, impede o processo do autoconhecimento e, em consequência, da autodeterminação.

(22) Faria, Octavio de – *O Lodo das Ruas*, op. cit. p. 472